

OS TEXTOS CONTROLANDO A LEITURA DAS IMAGENS: UM OLHAR SOBRE O DOCUMENTO NA ÓTICA DE ROGER CHARTIER

Giani Rabelo* - UNESC

No exercício de levantar informações para a pesquisa da tese de doutoramento sobre o trabalho educativo realizado pelas congregações religiosas femininas nas Vilas Operárias ligadas a exploração do carvão mineral, no sul do estado de Santa Catarina, por volta dos anos de 1950 a 1970, tenho tido contato com vários documentos. No entanto, teve um deles que me causou surpresa e ao mesmo tempo encantamento em função de sua beleza e complexidade. Trata-se de um relatório de atividade do triênio 1955-1957, entregue ao Serviço Social da Indústria - SESI pela Congregação das Pequenas Irmãs da Divina Providência, realizadas na Vila Operária Próspera¹, onde moravam as famílias dos operários da Carbonífera Próspera. Mas não é um relatório como estamos acostumados a encontrar nos arquivos públicos e bibliotecas, ele se diferencia pelo suporte utilizado e pela combinação de textos, fotografias e desenhos.

Mede 63cm de comprimento por 58 cm de largura, tem uma capa em veludo bordô e nela impresso Serviço Social da Indústria - Confederação Nacional da Indústria, com letras douradas, já um pouco apagadas, acompanhadas de uma engrenagem, símbolo da instituição, toda pintada à mão. Tomo esse relatório de atividades, que foge totalmente aos padrões formais, como artefato cultural, um objeto cultural, um produto histórico. Assim, não parto do “horizonte documental” e sim do “horizonte histórico”, ou seja, de problemas históricos, pois o trabalho documental e o trabalho de pesquisa são as faces da mesma moeda[1]. Um documento só se torna um documento histórico quando o pesquisador passa a fazer perguntas a ele, caso contrário é só mais um documento.

* Professora da Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC, membro do Grupo de Pesquisa “História e Memória: o processo de educação em Santa Catarina”- GRUPEHME, professora da disciplina de História da Educação.

¹ Os textos desse documento foram todos transcritos pelo acadêmico do Curso de Geografia da Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC, Denner Lucas Casagrande, que realizou no ano de 2004, o projeto de pesquisa de iniciação científica intitulado “Os Saberes e as práticas pedagógicas das Pequenas Irmãs da Divina Providência na Vila Operária Próspera – Criciúma/SC (1950-1970), no qual participei como professora orientadora.

Nesse artigo que tem no Álbum/Relatório o *corpus* de estudo, como irei chamar, buscarei em Roger Chartier elementos teóricos em alguns de seus estudos sobre a história da leitura e da escrita a fim de compreender a construção e a forma como esse documento se apresenta.

Uma das questões que me chamou atenção no momento em que tive os primeiros contatos com o Álbum/Relatório foi a ausência da identificação do/a(s) autor/a(es/as). Lembrei-me então que poderia buscar junto a Irmã Cláudia, uma das freiras responsáveis pelos trabalhos da congregação na Vila Operária da Próspera, informações sobre produção desse documento. Na impossibilidade de contactá-la pessoalmente mandei-lhe uma carta no final de dezembro de 2004, acompanhada de um CD-Rom com todo o documento digitalizado e ela respondeu: “rever aquelas fotos, ainda que não consiga ler o conteúdo, foi-me um lindo e emocionante passeio na minha história, na história de minha comunidade religiosa, na história dos meninos e meninas da Próspera, construída com muito trabalho, luta, mas com muita alegria, entusiasmo, e vontade de fazer o bem”[2].

A partir das informações concedidas pela própria irmã, pude identificar os/as autores/as. Ele foi construído a oito mãos e levou em torno de quatro meses para ser concluído, tendo a Irmã Cláudia como organizadora. Todos os textos, mais de treze foram escritos por ela. As fotografias foram feitas pelo “Foto Zappellini”, um dos primeiros fotógrafos da cidade. Os desenhos foram realizados pela Irmã Fernanda Martins Cardoso, as letras dos títulos, subtítulos e legendas foram desenhadas pela Irmã Maria Rodrigues Monteiro, ambas professoras de Artes e Matemática, respectivamente, do Colégio Michel, estabelecimento privado de ensino da congregação, criado na época, na cidade de Criciúma. Todo o cuidado, esmero e principalmente o tempo que essas pessoas levaram para construir esse Álbum/Relatório me fez pensar sobre o sentido que as freiras queriam que os leitores atribuíssem as informações contidas nele e a importância dada ao seu suporte.

Pode-se inferir que todo o cuidado, o capricho e o esmero dedicados na produção do documento em estudo fizeram parte de uma estratégia, no sentido de torná-lo um instrumento que pudesse oferecer aos leitores uma leitura única sobre as difíceis condições em que viviam as famílias na Vila Operária Próspera e o quanto era importante e imprescindível o trabalho das freiras no campo social, religioso, educacional e na área da saúde. Parece-me que o objetivo era aproximar aquela difícil realidade enfrentada pelas famílias mineiras e o trabalho das freiras daqueles que conheciam superficialmente, mais precisamente aos gerentes do SESI, com o intuito de legitimar as suas ações e serem reconhecidas pela instituição que as mantinha. Um relatório bem feito e com as ações bem apresentadas, mostrando a necessidade e importância desse trabalho, certamente causaria impacto nos mantenedores e garantiria a continuidade das atividades.

Para Chartier, mesmo havendo por parte do autor, e no caso do documento em estudo, dos/as autores/as, a construção de várias estratégias para garantir uma forma de compreensão na medida em que “o leitor é sempre visto pelo autor (ou pelo crítico) como necessariamente sujeito a um único significado, a uma interpretação correta e a uma leitura autorizada”[3], mesmo que comumente se conceba “a leitura como algo inscrito no texto, como um efeito automaticamente produzido pela própria estratégia da escrita específica da obra ou de seu gênero”[4], não há uma leitura única em relação ao texto, pois o texto não tem uma eficácia absoluta. Nessa perspectiva, existe uma relação de tensão permanente entre texto e leitor, causada pelo ato que apreende e decifra o texto. No seu entendimento a leitura compreende “[...] uma prática criativa que inventa significados e conteúdos singulares, não redutíveis às intenções dos autores dos textos ou dos produtores dos livros. Ler é uma resposta, um trabalho, ou como diz Michel de Certeau, um ato de ‘caçar em propriedade alheia’ “[5].

No caso do documento em questão torna-se importante ressaltar que a sua construção foi algo bastante complexo do ponto de vista da autoria. Não houve apenas o trabalho da escrita realizado pela irmã Cláudia, houve o envolvimento de mais três

autores/as, ou seja, o fotógrafo e as outras irmãs que se responsabilizaram pelos desenhos e pela escrita dos títulos, subtítulos e legendas. No entanto, mesmo havendo a participação de vários autores, o Álbum/Relatório tem um fio condutor e este por sua vez foi garantido pelo trabalho da Ir. Cláudia, enquanto organizadora do documento. O Álbum/Relatório não percorreu o processo que passaram os livros na sua trajetória histórica como aponta Chartier, ao afirmar que os livros “são manufaturados por copistas e outros artesões, por técnicos e outros engenheiros, por máquinas impressoras e outros tipos de máquinas”[6], mas passou por quatro pessoas que, de alguma forma, deixaram registradas as suas marcas e objetivos. Nesse caso, os/as autores/as foram os/as próprios/as impressores/as.

Mas se de um lado o texto não tem uma eficácia absoluta, ou seja, o/a autor/a não consegue proporcionar um único sentido para aquilo que ele escreve, não consegue garantir uma compreensão legítima, o leitor também não tem uma autonomia absoluta, pois a liberdade do mesmo está encurralada num determinado tempo e espaço, a sua liberdade está circunscrita num campo de possibilidades. O texto, que é o objeto que comunica é interpelado pelo ato que o apreende, ou seja, a leitura. “Conduzido ou encurralado, o leitor encontra-se invariavelmente inscrito no texto, mas este, por sua vez, inscreve-se de múltiplas formas em seus diferentes leitores”[7].

Mas se ao lermos algo, não podemos negar essa relação de tensão entre o autor representado pelo texto e o leitor que é o responsável pelo ato de apreender o texto por meio da leitura, Chatier também nos lembra que “nenhum texto existe fora do suporte que lhe confere legibilidade”; qualquer compreensão de um texto, não importa que tipo depende das formas com as quais ele chega até seu leitor”[8]. Para ele, as obras adquirem significado por meio de um processo complexo que implica no exame da relação entre três pólos, ou seja, o próprio texto, o objeto que comunica o texto e o ato que o apreende [9].

Inspirada por Chartier, passo a imaginar um outro objeto para comunicar as atividades desenvolvidas pelas freiras, ou seja, um outro suporte, agora dentro dos padrões formais intitulado “Relatório de Atividades - Triênio 1955-1957”, certamente esse novo

suporte influenciaria profundamente no *status* conferido ao documento ou na maneira de lê-lo, dessa forma, uma nova legibilidade seria conferida pelo formato e também se instalaria um novo horizonte de recepção do mesmo por parte de seus leitores.

Da forma como o relatório de atividades foi apresentado, posso inferir que houve também a intenção de perpetuação da história do trabalho ali efetuado pelas freiras, sabendo-se que um documento desse tipo dificilmente seria descartado, garantindo melhor a sua guarda, além de carregar consigo traços de um caráter ritualístico, celebrativo, ornamental e feminino, consagrando-se num artefato cultural que expressa. Ele é único, pois não existe outra cópia, portanto ele foi concebido dentro do princípio da raridade, na tentativa de assegurar de alguma forma o lugar de legitimidade de todas as ações ali realizadas pelas freiras nos três primeiros anos, dos 13 anos que a Congregação das Pequenas Irmãs da Divina Providência permaneceu na Vila Operária da Próspera.

Por todas essas características até aqui apresentadas, pode-se afirmar que além de um escrito esse documento é um monumento. Para Le Goff, todo documento tem em si um caráter de monumento, pois não existe memória coletiva bruta. “O documento não é qualquer coisa que fica por conta do passado, é um produto da sociedade que o fabricou segundo as relações de força que aí detinham o poder”[11].

Só os textos manuscritos não dariam conta de expressar todos os programas desenvolvidos nesses três anos, por isso, foi preciso ilustrar com fotografias legendadas e desenhos confeccionados por meio de um trabalho manual bastante apurado e artístico. Por ser um documento que se caracteriza pela escrita e pela imagem, nele é possível se perguntar como a leitura das imagens vai sendo controlada pelos textos, ou melhor, como estes vão por sua vez criando protocolos de leitura das imagens.

Sem entrar aqui na discussão que rompe com a idéia de que o objeto fotográfico é uma prova dos fatos ou uma reprodução do real e vê na fotografia um sistema de expressão e que, ao contrário, concebe que este suporte de imagem exprime suas mensagens na forma de construções visuais, que são sempre intencionais, interpretativas e subjetivas,

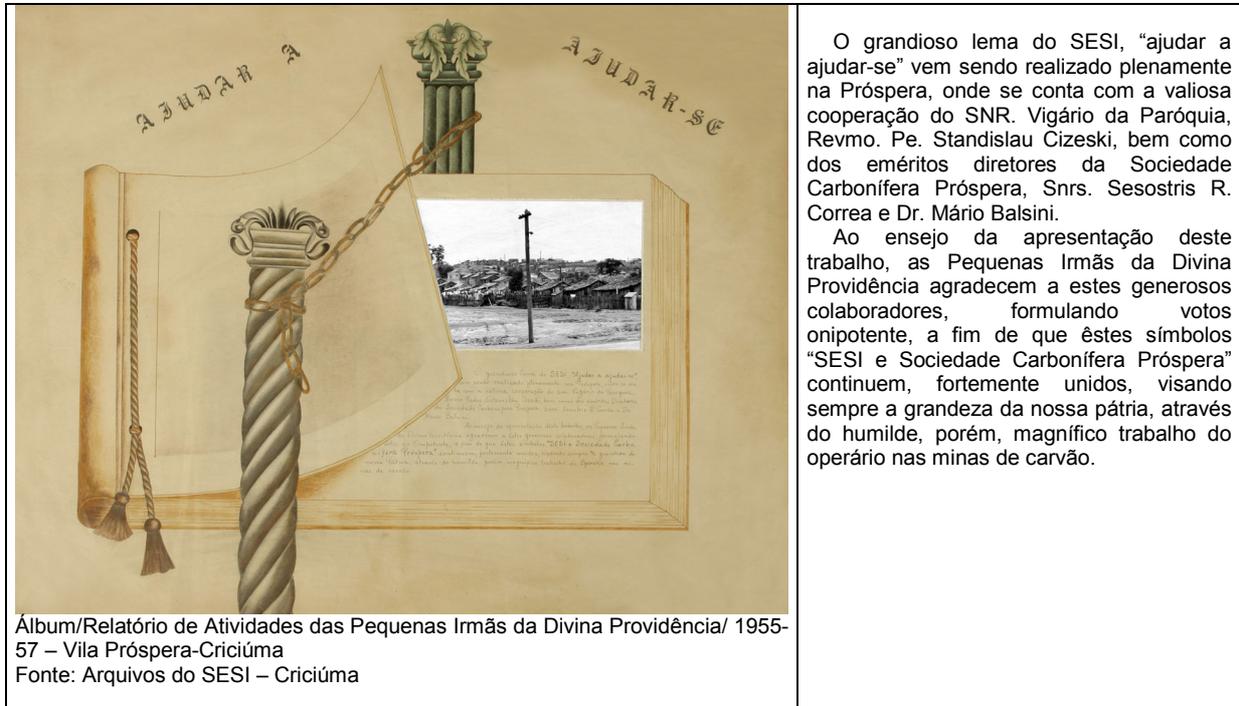
dirijo-me novamente a Chartier quando o mesmo aponta a existência de limitações nesse tipo de linguagem. Para ele, as imagens não têm o mesmo significado e o mesmo papel quando estão inscritas no próprio texto, “é um meio para melhor garantir o controle do sentido”[12]. No caso do Relatório/Álbum, as fotografias e os desenhos estão profundamente articulados com os textos, compondo um fio condutor para levar leitor a uma determinada compreensão. A tutela do leitor pelo texto ocorre com o objetivo de evitar as múltiplas leituras das imagens, para que ele não invente outras interpretações a não ser as autorizadas pelos/as autores/as. O texto propõe um tutelamento da ousadia daquele que vê a imagem, servindo como uma forma de controle da interpretação.

O Álbum/Relatório tem sua página de abertura anunciando o lema do SESI “**AJUDAR A AJUDAR-SE**” que tem desenhado no centro um outro álbum em tamanho menor atravessado por uma corrente preza em duas colunas gregas cuidadosamente desenhadas. A “réplica” do Álbum/Relatório tem sua primeira página entre-aberta deixando a vista parte de uma foto cuidadosamente recortada da Vila Operária Próspera.

A primeira imagem mostra a Vila Operária como um “amontoado de casas”, mesmo que dispostas linearmente, construídas sobre a “pirita” (rejeito de carvão), cobertas pela poeira do mineral, cercadas por estanquetas de madeira e cada qual com sua privada. Analisada isoladamente poderia levar o leitor a simples constatação de como as vilas eram organizadas, no entanto, ao ser associada ao lema do SESI “**AJUDAR A AJUDAR-SE**”, impõe um direcionamento na recepção do leitor. Indica que as pessoas que ali vivem precisam ajudar-se, mas para que isso ocorra, elas precisam de ajuda e nesse caso, a ajuda está sendo oferecida pela Carbonífera Próspera, o SESI, o vigário da paróquia e pelas Irmãs da Divina Providência, como indica o texto de abertura:

Os agradecimentos expressam a forte parceria que existia entre a Igreja representada pelo Pe. Standislau Cizeski e pelas Pequenas Irmãs da Divina Providência e os empresários representados pelos diretores da Carbonífera Próspera e pelo SESI. A partir dessa imagem faço a seguinte questão: será que as duas colunas presas uma a outra pela

corrente, não estariam representando uma forte aliança entre Igreja, empresários e Estado a fim de “proteger” os moradores da Vila Operária de uma condição de vida sub-humana proporcionada pela expansão capitalista da exploração e comercialização do carvão?



No contexto social e político do Brasil, o Plano de Metas de Juscelino Kubtcheck mantinha o setor siderúrgico num lugar estratégico e por isso o incentivo à produção de carvão mineral ainda persistia. Nesse cenário, o SESI, instituição criada em 1942 por Vargas para atender as demandas sociais dos operários da indústria, contratou freiras de várias congregações para realizarem um trabalho social junto às famílias mineiras.



Álbum/Relatório de Atividades das Pequenas Irmãs da Divina Providência/ 1955-57 – Vila Próspera-Criciúma/SC
Fonte: Arquivos do SESI – Criciúma

Nas visitas domiciliares, as Irmãs têm oportunidade de se dedicar a muitos trabalhos, bem como, viver e sentir as necessidades do meio. Nestas visitas, fala-se da necessidade de cuidar da higiene das crianças e da casa, dos benefícios que traz a plantação de uma horta. Aconselha-se a esposa impaciente e descuidada que cuide bem do marido. Encaminha-se um casamento, um documento profissional e sobretudo, procura-se educar.

As imagens retratam o interior das casas das famílias mineiras. As paredes escuras mostram a precariedade das moradias, com seus poucos cômodos, com suas janelas e portas de tábuas e fechadas com simples “tramelas”. Uma das legendas denominada **“O c.o.n.f.ô.r.t.o d.e u.m.a b.o.a p.a.l.a.v.r.a”**, exibe uma freira ao lado de um casal jovem com dois filhos. Nas visitas, as freiras não só confortavam as pessoas, mas também medicavam as crianças quando havia necessidade e reuniam as mulheres da vizinhança para fazer algum tipo de orientação. Apesar de pouca mobília e da simplicidade das casas as mesas que serviam de apoio para medicar crianças e reunir as mulheres se apresentavam com toalhas brancas e bordadas. As aulas de bordado compunham o leque de atividades oferecidas para as mulheres, por isso o seu lugar na fotografia. Era de costume **“O c.o.r.t.ê.j.o d.e c.r.i.a.n.ç.a.s j.u.n.t.o à.s l.r.m.ã.s q.u.a.n.d.o v.i.s.i.t.a.m a.s c.a.s.as”**. Nessa fotografia, meninos e meninas caminhando em uma rua esburacada acompanhando as freiras com ar de alegria. As crianças maiores carregavam os irmãos menores no colo. Nessa página do Álbum/Relatório, as flores em cor rosa envolvem as imagens em preto e branco. Aqui as freiras aparecem num lugar de centralidade na vida e na educação dos membros da família dos operários, logo no primeiro ano de atuação, em 1955, afastando-os das doenças, da sujeira, das intrigas familiares provocadas pelas

esposas impacientes. A relação entre imagens, legendas e textos quer mostrar o quanto elas eram “bem-vindas” às casas dos operários. A imagem evidenciando o cortejo das freiras pelas crianças reforça essa idéia.

NOTAS

[1] MENEZES, Ulpiano T. Bezerra de. A crise da memória, história e documento: reflexões para um tempo de transformações. In: SILVA, Zélia Lopes da (org.). **Arquivos, patrimônio e memória: trajetórias e perspectivas**. São Paulo: Editora UNESP: FAPESP, 1999. p. 26 e 27.

[2] Carta enviada pela Irmã Cláudia no dia 30/12/2004.

[3] CHARTIER, Roger. Textos, impressões, leituras. In: HUNT, Lynn. **A nova história cultural**. São Paulo: Martins Fontes, 1992, p.213.

[4] Ibid., p.213

[5] Ibid., p.214

[6] Ibid., p. 220.

[7] Ibid., p.215.

[8] Ibid., p. 220.

[9] Ibid., p.200-221.

[11] LE GOFF, J. **Memória e história**. São Paulo: Unicamp, 1994. p. 545.

[12] CHARTIER, Roger. Introdução: a cultura do objeto impresso. In: _____.(Coord.). **As utilizações do objeto impresso**. Lisboa: Difel, 1998. p. 18.